

## 5 Conclusão final

Visto que ao término de cada capítulo fizemos um resumo, agora apenas abordaremos, de modo geral, alguns aspectos que julgamos pertinentes para o momento. Assim, finalmente, pode-se dizer que, de fato, o pensamento ético nos moldes traçados por Ricoeur pode perfeitamente auxiliar o homem, apesar de toda fragilidade porque passa sua existência conturbada. Isto se dá porque à ética do compromisso compete demovê-lo de sua arrogância, arrancando-o de seu claustro de sombras e o projeta para a luz, apontando para ele não apenas as facilidades, a beleza e os encantos do mundo real, mas, acima de tudo, facilita o decaimento das escamas de suas pálpebras que o impedem de ver sua condição real de ser-frágil, carente mesmo de redenção. Isto só é possível justo porque esse homem dispõe de um sentido último, que torna tudo tão esperançoso e revigora suas forças em direção a *um sim afirmativo à vida*, tal como ela deve ser no amor, no cuidado e no querer do Deus-comunhão. Por esse vizez, podemos escapar da contradição inerente a nossa natureza, isto é, da luta que diariamente travamos em busca do perfeito equilíbrio entre as afecções da dualidade humana.

Portanto, a presente obra é o resultado de uma aventura, como já se falou antes. Trata-se da questão ética de um modo temático, principalmente porque o pensador, sobre quem os argumentos foram construídos, é um escritor nada sistemático e fonte de uma bibliografia muitíssimo variada e que ao mesmo tempo trabalha com questões de natureza multidisciplinar, sem deixar de ser filósofo “no pleno sentido do termo” e também como um não “...simples metodólogo de ciências interpretativas ou sociólogo da história.”<sup>241</sup> Ademais, como o próprio título desta dissertação sugere, a perspectiva adotada aqui é tipicamente cristã, por dois motivos: *a primeira e mais fundamental* se deve pelo fato deste trabalho versar sobre uma temática de enorme interesse para a fé cristã e, neste sentido,

---

<sup>241</sup> GISEL, Pierre. “Prefácio” à obra: *O mal: um desafio à filosofia e a teologia*. De autoria de Paul Ricoeur, São Paulo, Papirus, 1988.

uma tentativa de diálogo entre a teologia e a filosofia é, além de interessante, necessário, sobretudo à tarefa do discernimento eclesial que a teologia deve à comunidade de fé, e também à sociedade como um todo. Após passar por Todas as crises ocorridas no ocidente (que dentre tantas outras destacamos aqui, a crítica freudiana da religião<sup>242</sup>, o ateísmo de Feuerbach e sua redução antropológica da teologia<sup>243</sup>, a crítica da alienação religiosa e o ateísmo em K. Marx, a crítica nietzscheana da morte de Deus, etc<sup>244</sup>), vem como que fervilhando na mentalidade do homem hodierno uma vintena de fontes de sentido, sobretudo no que concerne à idéia que se tem de Deus, bem como da relação que temos ou devemos ter com ele, coisa que o pensamento atual admite como sendo uma relação mediatizada pelo outro, visto que a Deus ninguém toca diretamente. Aqui já está como pano de fundo a questão de como se compreender a si mesmo no interior desse mundo tão conturbado; e, ainda, como proceder face aos outros com as suas respectivas auto-compreensões... Que caminho tomar, que norma seguir? Haveria, porventura, ao menos um critério ético seguro? Assim sendo, todas essas questões acabam arremessando o homem num tenebroso labirinto de angústia, coisa que precisa ser acatado na hora de se articular o pensamento em torno da questão ética, principalmente por alguém que se pretende fazer parte de uma tradição que aprendeu a ser mestra e o exerce também através da mui sábia arte da escuta.

A *segunda*, diz respeito à própria opção de Ricoeur pelo cristianismo, o qual ele interpretava como sendo o seguimento orientado pelo Cristo, que no “... princípio da pregação apostólica não se distinguia entre o Cristo da fé e o Jesus da história,”<sup>245</sup> razão porque esse cristianismo pode muito bem estar imiscuído no seio da história humana, sem contudo ser ele uma história meramente humana; porque é a máxima manifestação de Deus à humanidade, pela encarnação do Filho, na força e no poder do Espírito Santo. Assim, é que o cristianismo se constitui muito mais do que uma simples religião de um determinado povo ou cultura (judeu); porque seu sentido e aplicação é estar na base de todas as culturas,

<sup>242</sup> Cf. Carlos Dominguez Morano SJ. *Crer depois de Freud*. São Paulo, Loyola, 2003, p.11 et. seq.

<sup>243</sup> Cf. E. Colomer, *El pensamiento alemán de Kant a Heidegger*. V. III, Barcelona, Herder, 1990, p. 91-116. Ver também: FERNÁNDEZ, Arsenio Ginzo. “La conciencia epocal en L. Feuerbach”, in: *Revista de Filosofia*, 3ª época, v. X, n. 17, 1997.

<sup>244</sup> Cf. E. Colomer, *El pensamiento alemán de Kant a Heidegger*, v. III. Barcelona, Herder, 1990, p. 117-334.

orientando-as a entrarem no Reino que vem-vindo; e esta é uma questão que corresponde à vocação mesma do seguimento de Jesus.

Com isto, o cristianismo denuncia aquilo que de malignidade há no interior das culturas, sem que elas sejam de todo desprezadas; posto que nelas há muito de genuína resposta às interpelações do divino. De igual modo, Ricoeur imbuído de um senso crítico orientado pela fé que nunca ocultou e da solidariedade de suas criativas idéias advindas dessa mesma solidariedade, vai tecendo um pensamento ético que segue um padrão como aqui nesta exposição se pretendeu mostrar, a saber, um mergulho no modelo ético classicamente proposto, com uma conseqüente crítica a seus pressupostos e condicionamentos. Então, as tramas decorrentes dessa análise se constrói a partir da retomada de temas tipicamente do contexto da fé (e por fé se entende, neste contexto, “aquele modelo” da tradição israelítico-judaico-cristã); temos em mente aqui particularmente a temática do mal. Mas, a bem da verdade, nosso filósofo pensa a ética de um modo crítico, como se demonstrou logo no primeiro capítulo, no que concerne àquele modelo que se sustentava sobre o edifício muito simpático da visão ética de mundo, mas para cuja base se revelou carente de fundamento. Isto acontecia justo porque nele o ser humano é tratado como um ser desvalido, submetido ao império de uma ordem cosmológica que lhe castra a possibilidade de agir por seus próprios meios, em conformidade aos ditames de sua própria razão, dificultando, senão impedindo, por fim, esse indivíduo de externar sua própria expressividade individuo-pessoal. Aqui está, pois, senão negada, pelo menos solapada a dimensão de pessoa humana, contributo esse tão penosamente construído no interior da tradição eclesial.<sup>246</sup>

Assim, com muita sobriedade Ricoeur parte da vivência real do ser humano, lá onde ele pode e faz suas experiências mais profundas, de descobrir-se como um ser em construção, chamado a responder uma questão na qual ele com seu dedo toca e se descobre simultaneamente por ela tocado, envolvido e assumido como um *a priori* que lhe precede, no grande palco da existência. Assim, pela falta o homem se descobre uma subjetividade que tem a importante

---

<sup>245</sup> ZAZ FRIAS, SJ, Rossano. *La Idea de revelación em Paul Ricoeur*. Dissertação de Mestrado apresentada ao: Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus. Belo Horizonte, 1987, p. 30.

<sup>246</sup> Cf. GARCIA RUBIO, A. Garcia Rubio, *Unidade na pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo, Paulus, 2001, p. 306 et. seq.

tarefa de se abrir para o outro, do qual o primeiro e o mais fundamental é o reconhecimento tácito de si mesmo, enquanto agente e paciente. Esta é a razão porque no lugar de uma visão ética do mundo, se propõe uma ética do esforço de ser. Em síntese, é isto que se discute no primeiro capítulo.

Já no segundo capítulo, o que se mostra como a força orientadora dessa ética é a esperança que, por assim dizer, funciona como um princípio norteador das ações humanas. *Seja na imaginação*, que possibilita a construção de sonhos de novos mundos possíveis; *seja na história*, na qual cada um descobre a motivação real de sua pertença a um determinado grupo social, pela construção de um elemento que identifica e marca a pertença a uma determinada cultura, do mesmo modo que permite a percepção do acúmulo de bens engendrados ao longo do tempo e que servem a tornar menos dura a transformação da vida desafiadora, em vida com mais qualidade e mais conforto material. Entretanto, a aquisição desses bens materiais não é garantia absoluta de que essa história do homem flua sempre na direção de um avanço contínuo, que passa como algo liso, livre de suas contradições e ambigüidades que bem pode levar o indivíduo aos umbrais do risco de perder sua característica própria, para assumir um comportamento que longe de afirmar sua identidade, torna-o fantoche ou caricatura de algo que se lhe impõe. Finalmente, *seja pela fragilidade humana*, que por sua capacidade de se reconhecer distendido entre a consciência do limite e das aspirações, também se descobre como o ser que se impõe a si mesmo uma exigência para ser.

Tendo em vista que a estrutura humana não foi feita para ser só; posto que a realização humana está na participação, isto é, na co-humanidade ou na relação com os outros (aqui entendidos tanto no plano horizontal, como: o si mesmo, os semelhantes, o mundo da natureza; e no plano vertical: Deus, fundamento ulterior e fonte de toda possibilidade). Daqui sobressai o modo através do qual o agir ético se realiza, a saber, pela consciência de si, enquanto indivíduo, a consciência de algo maior ao qual se está remetido (que é a humanidade), e a certeza de que é mesmo pelo modo como se estabelece tais relações que se pode ou não ser humanizado. Trata-se de um trabalho de escuta, isto é, um trabalho que toma de uma fonte não filosófica os elementos necessários a uma reflexão filosófica. Tal atitude não implica um encurvamento a uma suposta superioridade da fonte, pois do contrário a filosofia seria uma espécie de arte subsidiária da teologia; isto representaria um retrocesso no qual a filosofia estaria se convertendo novamente

em *ancilla theologiae*; isto, no entanto, já foi desprezado, de uma vez para sempre! Assim, o pensamento dele é verdadeiramente um trabalho a partir da escuta, mas “na autonomia do pensamento responsável”<sup>247</sup> que supõe haver um caminho autônomo entre a abstenção e a capitulação.

É natural que o humano seja um ser de sínteses, capaz de unir os opostos, organizando o caos no qual se encontra e do qual participa por filiação incondicional. Desejar a ordem e experimentar o caos se traduz como um limite a que todos estamos destinados e esta é a razão que demarca nitidamente a dualidade da vida humana. Daí ser a esperança como um dos múltiplos aspectos que constitui o ser homem, não como matéria a ser alcançada, pois toda esperança é esperança de algo, não podendo ser ela a expectativa da coisa e a coisa “expectativada”; isto seria um absurdo, além de uma contradição. É por isso que Ricoeur nos fala da liberdade segundo a esperança, onde esta é o ponto de partida, enquanto aquela é o fim a que se dirige nossa expectativa. “Portanto, pergunta Ricoeur, de onde devemos partir, a não ser da liberdade?”<sup>248</sup> Ora, é claro que aqui se trata de uma sentença decorativa, pois ninguém há que estando liberto deseja ou espera pela liberdade, porque isto também seria uma contradição; então, uma construção como esta só terá sentido para alguém que *a priori* parte da liberdade como o alvo visado de sua esperança. É, pois, a condição mesma da não-liberdade na qual se descobre o homem, que o impulsiona a partir em direção à liberdade perdida; e o caminho-motor dessa busca é a própria esperança.

Quanto à imaginação social, trata-se de um outro tema também muito recorrente no pensamento de Ricoeur, com duas vertentes bem definidas; uma trata da correspondência do possível, a outra da imaginação pura que, a bem da verdade, se refere ao entrelaçamento entre conceito e verdade. É lógico que o sujeito que imagina o faz de modo orgânico e o mesmo se verifica no comportamento sócio-coletivo. Por isso, faz-se mister lembrar aqui que na realidade não se trata de tipos diferentes de imaginação, mas da mesma que pode e deve ser recuperada a partir de duas vias distintas para, de um modo analítico, tentar entender e explicá-la com o máximo de êxito. A imaginação social é um tema complexo que se expressa com uma linguagem menos concreta que a dos

---

<sup>247</sup> RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro, Imago, 1978, p. 337.

<sup>248</sup> *Ibid.*, p. 337.

símbolos e mitos, portanto difere por natureza deste, embora manifeste sempre uma estreita relação. A Ricoeur interessa particularmente duas das formas, nas quais se expressa a imaginação social; por isso mesmo os elementos ideologia e utopia recebem destaque, e ele as vê como idéias-forças não contrárias, mas complementares. Com isto, ele pretende descobrir uma nova função para a ideologia, muito mais radical do que um simples elemento deformador que produz uma consciência falsa, como classicamente ficou defendido em K. Marx. Na verdade, trata-se de expressões necessárias de orientação social; a ideologia é que torna possível uma identidade política, pois é ela que justifica um sistema político. Por outro lado, é válido lembrar que a ideologia pode deformar, como sabiamente ensinou Karl Marx, e isto acontece quando alguém resolve ocultar sua dominação se servindo da ideologia como expediente de subterfúgio e dissimulação. Nesse labirinto, se destaca a utopia como recurso necessário para provocar uma reação a essa situação de incapacidade, no qual fica mergulhado o homem.

É nesse momento que se percebe o entrelaçamento entre imaginação e esperança, quando a imaginação possibilita sonhar um mundo melhor e nesse sonho já está pressuposta a esperança como força necessária à construção desse mundo dos possíveis. A imaginação dá ao homem a capacidade de mudar radicalmente sua visão de mundo. Então, para transmutar uma realidade dada basta mudar a imaginação do homem.

No terceiro capítulo, tratou-se mais especificamente de questões teológicas que se referem ao tema da ética, fazendo sempre referência às idéias já discutidas de Ricoeur. Assim, o tema do amor, como proposta para uma ética na perspectiva cristã, inicia este último capítulo, indicando o caminho de superação para se vencer aquele esmagamento operado pelo sentimento de negação, de solidão e de pavor; neste caso a negação do Deus de Jesus Cristo em benefício do “deus-quebra-galho” ocorre como a fonte de uma existência que culmina na morte e não na vida, porque nega o que ela é e tudo que representa na vida humana. Negar a Deus é negar a si mesmo a possibilidade de encontrar o sentido para a vida, a vitória sobre o mal e sobre o pecado.

Mesmo tendo passado por tudo isso, confiar no Deus-Amor que age por todos nós, administrando todas estas experiências de modo a que tudo coopere

para aqueles que amam esse *Amor*; esta é a única saída que o homem tem de fugir desse mal.

Na seqüência dessa trajetória, o tema do dualismo é combatido na perspectiva cristã com a proposta de se desenvolver uma visão integrada de ser humano que não acede a sua sede pela totalidade das coisas, tentando impor ao mundo e a sua própria vida a capacidade falida de sua razão ignorante; mas, antes, aceitando essa impotência de tudo submeter a si, como parte de sua constituição criatural, necessitada mesmo de evocar para dentro de sua própria história aquele sentido que está para além dela e que por iniciativa primeira se revelou como verdade absoluta em Jesus Cristo - o Deus-Homem.

Este é, no núcleo da experiência humana, a resposta última do homem, o qual precisa ser aceito na fé; do contrário, nenhum esforço ético-moral, por mais detido que seja (o super-homem, o marxismo, o ateísmo, etc), será capaz de revogar a sua condição de ser perplexo, vítima e culpado da historicidade de suas próprias mazelas, culpas e condenações.

Para vencer todo esse mal, o cristianismo disponibiliza o caminho ético do mergulho profundo na experiência da confiança no Deus-Total de Jesus Cristo, se deixando orientar por essa trajetória que impõe como condição uma renúncia de si mesmo, como desistência de suas próprias prerrogativas, para então se lançar aos cuidados deste “Amor Suficiente”. Logicamente que isto não representa o fim da atividade humana, enquanto cooperador de Deus, mas o reforço de seu comprometimento ético na luta diária contra todas as formas de manipulações ideológicas e a conseqüente libertação da humanidade que se destina à inserção no Reino que vem vindo. Neste particular, o outro é fundamental, porque é a partir dele que podemos perceber, na concretude, a presença de Deus e, além disso, fazer alguma coisa de bom para esse nosso semelhante, como se estivéssemos fazendo para o próprio Deus. Este é o caso daquele rei que responde: “Em verdade vos digo que, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes [...]”<sup>249</sup>

Assim, a esperança também é outro fator que para o cristianismo é fundamental, porque todas as nossas ações aqui e agora se orientam por ela; uma vez que por sua instrumentalidade reconhecemos a finitude que marca nossa vida,

---

<sup>249</sup> Mt 25,40

mas também o testemunho de que acreditamos numa superação radical desse limite, superando a nossa história de não-salvação em história de salvação. Esta mudança se dá através da fé como ato da pessoa inteira, que não aliena o indivíduo da presença do mal, mas possibilita uma estrada transitável para que o ser humano cheio de coragem leve adiante a carreira que lhe está proposta no grande projeto do Deus-amor.

Uma atitude assim liberta o homem daquele beco sem saída, para uma abertura radical que se distende do Ser Último até aos nossos semelhantes, passando por nós mesmos e pelo mundo da natureza. Nisto consiste a ética mais alargada, vista num plano de integração onde, apesar de todas as nossas incompreensões, Deus é o recapitulador de tudo e o sentido absoluto para todos nós. Portanto, toda e qualquer cultura que se pretenda estar a serviço de uma humanização integral do ser humano precisa, necessariamente, passar por essa revolução na sua demissão de subjetividade, banindo de sua prática comportamental a tendência ao fechamento, em benefício de sua abertura a si mesmo, ao semelhante, ao outro e principalmente ao Totalmente Outro que é Deus, conforme a concepção vétero-testamentária.

Nisto consiste a proposta mais alvissareira que homem algum jamais sonhou, ser totalmente imerso no Reino que apesar de já estar neste exato instante presente como possibilidade real para todos os homens deste mundo; não obstante, vem vindo cada vez mais para o recôndito interior de nossas almas, nos conduzindo para fora dele (do mundo), como verdadeira *eclésia* que marcha ao encontro do Cristo.